



A EDUCAÇÃO NO NEOLIBERALISMO: PROBLEMA OU SOLUÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DAS SOCIEDADES?

Belito Vasco Francisco¹

RESUMO: O presente artigo tem como tema *A Educação no Neoliberalismo: problema ou solução de desenvolvimento das Sociedades?* Pretendemos reflectir sobre as contribuições que a educação enfrenta no neoliberalismo se são abonatórias ou não para o desenvolvimento das sociedades. A estratégia neoliberal de conquista hegemónica vai mais além do campo educacional, mesmo com prioridades, a educação e as políticas educativas regem por dependências dos grupos hegemónicos e das condições políticas da conjuntura histórica. O neoliberalismo é implementado por escolas e outras entidades na disseminação da centralidade económica como elemento estruturador das relações sociais e o Estado passando para a questão política. Com este horizonte, a educação é passada da índole dos direitos para índole do mercado, isto é transformar o direito social para um serviço, uma mercadoria que deve ser adquirida no livre mercado. O nosso país se iludiu com a necessidade da intervenção de mecanismos internacionais, onde as políticas neoliberais da educação são impostas por estes organismos (Banco Mundial e FMI) entre outros, que definem a forma como os países sobretudo pobres devem-se ajustar a globalização do capital e ao neoliberalismo. Como consequência do neoliberalismo na educação assistimos: menos recursos; prioridade no Ensino Básico; formação rápida e o barato apresentado como critério de eficiência; formação monos abrangente e mais profissionalizante; privatização de Ensino até superior; aceleração da aprovação para desocupar vagas e menor qualidade; turmas numerosas em todos Subsistemas de Ensino.

Palavras-chave: Educação; Neoliberalismo; Desenvolvimento; Sociedade.

ABSTRACT: This article has as its theme Education in Neoliberalism: problem or solution for the development of Societies? We intend to reflect on the contributions that education faces in neoliberalism whether they are beneficial or not for the development of societies. The neoliberal strategy of hegemonic conquest goes beyond the educational field, even with priorities, education and educational policies are governed by the dependence of hegemonic groups and the political conditions of the historical conjuncture. Neoliberalism is implemented by schools and other entities in the dissemination of economic centrality as a structuring element of social relations and the State moving to the political question. With this horizon, education is transferred from the nature of rights to the nature of the market, that is, transforming social rights into a service, a commodity that must be acquired on the free market. Our country has been deceived by the need for the intervention of international mechanisms, where neoliberal education policies are imposed by these bodies (World Bank and IMF) among others, which define the way in which especially poor countries must adjust to the globalization of capital and neoliberalism. As a consequence of neoliberalism in education, we are witnessing: fewer resources; priority in Basic Education; rapid training and cheapness presented as a criterion of efficiency; comprehensive and more professional monos training;

¹ Licenciado em História e Filosofia pela Universidade Pedagógica UP (Beira), mestre em Educação/Ensino de Filosofia pela UP (Maputo) Moçambique, é docente de Filosofia da Educação, Filosofia da História, Hermenêutica, Ética e Deontologia Profissional, Antropologia Cultural, Introdução à Filosofia na Universidade Licungo - Quelimane e doutorando em Filosofia. E-mail: bvasco2012@gmail.com





privatization of higher education; acceleration of approval to vacate vacancies and lower quality; large classes in all Teaching Subsystems.

Key-words: Education; Neoliberalism; Development; Society.

INTRODUÇÃO

A educação sendo um processo no qual a sociedade prepara seus membros para vida futura, garantindo a continuidade e desenvolvimento, ela é dinâmica nos valores e procura estratégias melhores para responder os desafios que a sociedade enfrenta na época. O presente artigo tem como tema *A Educação no Neoliberalismo: problema ou solução de desenvolvimento das Sociedades?* Pretendemos reflectir sobre as contribuições que a educação enfrenta no neoliberalismo se são abonatórias ou não para o desenvolvimento das sociedades.

Moçambique entrou num período em que a conjuntura das políticas educacionais está centrada na hegemonia das ideias liberais sobre as sociedades, como reflexo cada vez mais forte do avanço do capital a nível internacional. A estratégia neoliberal de conquista hegemónica vai mais além do campo educacional, mesmo com prioridades, a educação e as políticas educativas regem por dependências dos grupos hegemónicos e das condições políticas da conjuntura histórica. O neoliberalismo é implementado por escolas e outras entidades na disseminação da centralidade económica como elemento estruturador das relações sociais e o Estado passando para a questão política. Com este horizonte, a educação é passada do índole dos direitos para índole do mercado, isto é transformar o direito social para um serviço, uma mercadoria que deve ser adquirida no livre mercado. Mas, mais interessante que o país se iludiu foi a necessidade da intervenção de mecanismos internacionais, onde as políticas neoliberais da educação são imposta por estes organismos (Banco Mundial e FMI) entre outros, que definem a forma como os países sobretudo pobres devem se ajustar a globalização do capital e ao neoliberalismo. Como consequência do neoliberalismo na educação assistimos: menos recursos; prioridade no Ensino Básico; formação rápida e o barato apresentado como critério de eficiência; formação menos abrangente e mais profissionalizante; privatização de Ensino; aceleração da aprovação para desocupar vagas e menor qualidade; turmas numerosas em todos Subistemas de Ensino; privatização das Universidades.



Diante deste percurso, levantamos como questões fundamentais as seguintes: como é que a educação no neoliberalismo pode contribuir para o desenvolvimento das sociedades? Que sentido a educação neoliberal proporciona para os moçambicanos multiculturais? Como ressignificar as nossas referências axiológicas diante do neoliberalismo em Moçambique?

As leituras feitas sobretudo na obra “Educação, Modernidade e Crise Ética em Moçambique” de António Cipriano P. Gonçalves e aos outros autores moçambicanos como Severino Ngoenha, José P. Castiano, Miguel Buendía Gómez e Manuel Golias ligados a Educação em Moçambique, constituíram o motivo da escolha deste tema. O trabalho é relevante porque irá contribuir para a compreensão rápida sobre as nossas referências educativas e axiológicas em Moçambique com o neoliberalismo.

Esta pesquisa tem como objectivos reflectir sobre Educação no Neoliberalismo se contribui ou não para o desenvolvimento das Sociedades; contextualizar a educação neoliberal; discutir sobre o sentido da educação neoliberal se proporciona ou não para os moçambicanos; e ressignificar as nossas referências axiológicas diante do neoliberalismo em Moçambique.

Para a elaboração deste trabalho recorreremos na consulta das referências bibliográficas existentes ligadas ao tema e o método hermenêutico que facilitou-nos na interpretação das obras por nós escolhidas.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NEOLIBERAL

Estamos num período em que a conjuntura das políticas educacionais está centrada na hegemonia das ideias liberais sobre as sociedades, como reflexo cada vez mais forte do avanço do capital a nível internacional. Ora, a estratégia neoliberal de conquista hegemónica vai mais além do campo educacional, mesmo com prioridades, a educação e as políticas educativas regem por dependências dos grupos hegemónicos e das condições políticas da conjuntura histórica.

O início da década 70, o mundo inteiro foi afectado pela crise do modo de produção capitalista, que levou a desafios de transformações na produção material, esta crise estrutural do capital e com auge do fordismo e do keynesianismo nos anos 70 a 90 conseguiu acumular capital e



trouxe mudanças sócio históricas na estrutura social. Constituído assim, um processo chamado de reestruturação ou de nova fase do capitalismo no mundo do trabalho. De outra forma, diríamos que o fracasso do capitalismo foi comprovado internamente nos países mais pobres e o auge do neoliberalismo na década 90 mostrou suas limitações até ao ponto de sua rejeição em todo mundo.

Nesta fase, foi necessário a intervenção de mecanismos internacionais como Banco Mundial e FMI (Fundo Mundial Internacional) aliar-se aos governos dos países pobres à economia mundial de modo a decidirem sobre o aspecto da educação. Mesmo apercebendo-se da crise do capitalismo a nível mundial, as contradições e limites dos agentes dominantes prosseguiram. Tendo em conta da estratégia liberal, a educação continuou a ser o campo de atenções e alternativa do progresso social e de oportunidades democráticas dos interesses dos grupos hegemônicos e da lógica do mercado, tendo a escola como espaço da reflexão crítica da realidade.

O advento do marxismo trouxe à ideologia maior preponderância de pensamento humano do ponto de vista de que a estrutura social dominante constituía aparelhos ideológicos em forma de superestrutura praticando a opressão. A escola é aquele espaço de excelência do aparelho ideológico de qualquer sociedade e a educação sendo este campo de disputas hegemônicas e das relações sociais que iram-se estabelecendo.

No nosso entender o neoliberalismo extrapola a alternativa teórica, econômica e educacional, visto que, é uma ideologia altamente forte como se fosse a solução dos problemas que apoquentam as sociedades, sem se dar contas dos problemas criados pelo próprio capitalismo.

O neoliberalismo é implementado por escolas e outras entidades na disseminação da centralidade econômica como elemento estruturador das relações sociais e o Estado passando para a questão política. Com este horizonte, a educação é passada do índole dos direitos para índole do mercado, isto é transformar o direito social para um serviço, uma mercadoria que deve ser adquirida no livre mercado.

Como referimos acima sobre necessidade da intervenção de mecanismos internacionais, as políticas neoliberais da educação são imposta por estes organismos (Banco Mundial e FMI) entre outros, que definem a forma como os países sobretudo pobres devem se ajustar a globalização do



capital e ao neoliberalismo. Para seguir esta ideologia a educação como lugar central da socialização foi reservada para três tarefas relevantes: 1) ampliar o mercado consumidor, apostando na educação como geradora de trabalho, consumo e cidadania (incluir mais pessoas como consumidoras); 2) gerar estabilidade política nos países com a subordinação dos processos educativos aos interesses da reprodução das relações sociais capitalistas; 3) estabelecer prioridades, cortar custos e racionalizar o sistema a lógica do campo económico.

Como consequência do neoliberalismo na educação: 1) menos recursos; 2) prioridade no Ensino Básico; 3) formação rápida e barato é apresentada como critério de eficiência; 4) formação menos abrangente e mais profissionalizante; 5) privatização de Ensino; 6) aceleração da aprovação para desocupar vagas e menor qualidade; 7) turmas numerosas em todos Subsistemas de Ensino; 8) privatização das Universidades.

Em fim, a educação liberal segue estes contornos, mas somos chamados a libertarmo-nos de todas as amarras que ela leva consigo para a educação ideal.

2 A VISÃO E A BUSCA DO SENTIDO DA EDUCAÇÃO EM MOÇAMBIQUE

A visão da educação em Moçambique reflecte-se na abordagem do percurso da história da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) na qual está enraizada ou suportada. Ora, foi esta Frente que sempre preocupou pela formação de seus quadros, uma vez saída da pesada herança colonial da educação, formação técnica e científica mesmo nas condições difíceis e com carências de professores. Para uma educação moçambicana, foi necessário reformas nesta área. As reformas da educação foram adequadas de acordo com as circunstâncias históricas económicas, políticas e conjunturais de intervenção internacional a que o país passou.

O país tendo saído da pesada herança colonial da educação que era discriminatória com programas e matérias escolares distorcidos, alienantes e com uma carga ideológica colonial, viu a urgência de reforma como caminho importantíssimo nesta área e o Ministério da Educação e Cultura (MEC) muito rapidamente introduziu as disciplinas de Geografia, História e Português no



sistema actualizado, uma vez que no período colonial estudava-se Geografia e História da metrópole. Mas, mais do que isto, foi concebido o Sistema Nacional de Educação (SNE) que iniciou em 1983. Este SNE foi constituído por cinco subsistemas nomeadamente: Subsistema de Ensino Geral, Subsistema de Alfabetização e Educação de Adultos, Subsistema de Ensino Técnico Profissional, Subsistema de Formação de Professores e Subsistema de Ensino Superior.

Na criação desses subsistemas o SNE, viu a necessidade de traçar objectivos fundamentais como: o Ensino básico para todos, a irradicação do analfabetismo, a formação de Professores, a formação Profissional, o domínio da Ciência e da Técnica e o reforço da Unidade Nacional. Todavia, a Política Nacional da Educação versava sob lema: a formação do Homem Novo. Este homem novo diante de orientação socialista, devia ser activo na transformação para o desenvolvimento do país. Quanto ao primeiro objectivo a cima sobre educação para todos, Gonçalves afirma que foi “a conferência que defendeu o movimento da educação para todos e tida como um dos fundamentos da necessidade de revisão da Lei fundamental da educação moçambicana que vigorava até 1992” (GONÇALVES, 2011:122), desta maneira criava o acesso a privatização da educação básica no país.

Para Castiano et al. (2005:51), neste período a educação visava a formação de uma personalidade socialista e a escola tinha uma posição central no projecto de edificação da sociedade socialista. Tendo como lema a formação do Homem Novo que fosse capaz de construir uma sociedade socialista. Mas, este Homem Novo digamos na visão de Miguel Buendía, era “produto da realidade objectiva, mas também um produto de uma transformação subjectiva” (GÓMEZ, 1999:233).

Desta forma, estabelecia-se os objectivos da educação que eram de eliminação do analfabetismo, a introdução de uma escolarização universal e obrigatória e a intensificação de uma formação técnica de quadros para o aparelho do Estado e para as fábricas e os grandes projectos económicos (CASTIANO, 2005:73).

A educação moçambicana na perspectiva teórica, seguiu o modelo marxista da educação para a tomada da consciência a partir da luta da burguesia à classe operária ora, operada na então



chamada revolução. Agora, restando saber se despertou ou não da tal consciência dos moçambicanos. Para que consciências os moçambicanos seguiram? Esta consciência terá logrado o bom sentido da educação ou criou mais problemas de consciências educativas?

Na busca do sentido da educação em Moçambique, importa primeiro compreender o conceito da tal educação para depois recorrermos ao sentido que foi dado neste país. Ora, considerando a educação na visão de António Cipriano, de um “processo de formação e socialização do indivíduo e que usa um conjunto de mediações e de acções que visam ao pleno desenvolvimento do ser humano nas suas dimensões físicas, intelectual e espiritual” (GONÇALVES, 2011:90).

Constatando este conceito como base, importa também percebermos que a formação do indivíduo implica observância de relações de dimensões como ética e política uma vez que a educação não é apenas um processo institucional e instrucional, mas formativo.

Dando o seguimento do percurso da educação e em consideração as dimensões: ética e política, elas sempre foram orientadas sobre certas finalidades para a educação como António J. Severino afirma que na “antiguidade grega e medieval latina a ética prevaleceu como matriz paradigmática da formação humana, ou seja, o ideal humano era o aprimoramento ético-pessoal como finalidade essencial da educação” e no período seguinte, época moderna o “ideal era a adequada inserção da pessoa na sociedade. A política sendo a grande matriz”. Na contemporaneidade Severino olha para as reflexões da concepção do ideal da formação humana e afirma como “um processo da formação do sujeito ético ou de sujeito cidadão” (SEVERINO, 2006:622).

Em Moçambique a educação como nos referenciamos a cima teve a finalidade de formar o Homem Novo para o desenvolvimento do país. Sendo o socialismo marxismo a linha da frente e de vanguarda, todavia, a educação deveria contribuir bastante na formação de nova ordem social como já vinha definido desde as zonas libertadas.

Como referiu Gonçalves que com “a reversão do projecto de modernidade socialista, através da implementação do Programa de Ajuste Estrutural (PRE) – em decorrência dos acordos



com as agências multilaterais e com a promulgação da nova Constituição (1990) teve desdobramentos na educação escolar” (GONÇALVES, 2011:117), como exigência de nova orientação para o neoliberalismo.

No neoliberalismo ou na modernidade moçambicana como se queira referir e bem sabemos, a ética e a política perderam as suas autonomias como referências básicas na prática da educação, isto devido das condições políticas da conjuntura histórica e intervenções internacionais como Banco Mundial e FMI. Estas instituições desenharam e levaram a cabo a educação moçambicana aos moldes do neoliberalismo e com todas as consequências que se vivem.

Na modernidade socialista moçambicana o Estado é quem assumia a direcção e planificação da educação. Mas, com liberalização económica e política o Estado apenas “organiza e promove o ensino como parte integrante da acção educativa nos termos definidos na Constituição da República” (BOLETIM da REPÚBLICA 1992, art.1 *apud* GONÇALVES, 2011:119). Dando continuidade importa-nos vincar que com esta modernidade a sociedade moçambicana foi levada a uma crise escrupulosa de toda uma educação, por exemplo “os aspectos que envolvem o ensino – o físico, o intelectual, o moral, o religioso, o social, o estético e o cívico – o Estado apenas interessa o aspecto intelectual que, envolvendo a instrução, se realiza directamente pelo ensino. As outras dimensões ficariam sob a responsabilidade de outros agentes a que o Estado pedia para envolverem no processo de formação e de socialização dos cidadãos” (*idem*, p. 119-120).

No entanto, é esta modernidade pretendida que Ngoenha chamou de nova modernidade – capitalista selvagem – tão violenta quanto a primeira. Se na primeira os valores ensinados eram da solidariedade e da justiça, na segunda “o dólar aparece como valor supremo da sociedade e o fim último da justificação de todos os meios” (NGOENHA, 2016:81). Portanto, se o propósito do liberalismo é trazer a *eudemonia* e o bem-estar da maioria. Será que os objectivos do neoliberalismo buscam a felicidade da maioria dos indivíduos ou dos moçambicanos? Para que caminhos a educação terá sentido em Moçambique?

A educação moçambicana terá sentido se pautar por uma ética e política bem definida e orientada para a felicidade da maioria dos moçambicanos, onde a educação deve estar presente na



condução do processo de formação e socialização dos indivíduos sem exclusão. A escola não deve seguir de modelos de valores sem abrir os olhos para a especificidade de cada cultura moçambicana. A educação deve compreender que cada cultura no país é um património com variadíssimas riquezas de valores humanos e que de tal modo contribui para o reconhecimento e o respeito da dignidade humana como valor. Através das disciplinas leccionadas divulgar as concepções do mundo para a maioria dos moçambicanos com o processo de ensino e aprendizagem.

3 PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO EM MOÇAMBIQUE

Problemas ligados a educação em Moçambique são tão complexos, instáveis e com diversos significados do contexto, dos conteúdos a serem leccionados, dos valores desejados pela sociedade e das finalidades que esta mesma sociedade pretende. A educação é complexa no sentido de que ela parte do nascimento do homem até à sua morte. O homem é um ser que por excepcionalidade ou por sua singularidade ganhou a educação, isto é, a educação só e só está reservada ao homem.

As maiores preocupações ligadas a educação em Moçambique, para além de epistemológicas, dos valores e finalidades que a sociedade almeja, nesta pesquisa, encontramos variadíssimas outras como: as perturbações políticas internas que começaram logo depois da Independência Nacional de (1975) e aliada a segunda República que ditou o multipartidarismo e eleições no país, vivenciou-se acordos sobre acordos com todos dirigentes da frente no poder e ultimamente tréguas, tudo isto, trouxe consigo problemas, visto que cada pleito eleitoral a recursos de violências que provocam deslocamentos de populações para lugares seguros transtornando processo educativo; problemas de ordem sociocultural não foram acautelados bem como o ensino de línguas nacionais que hoje incentiva-se o bilingue, mas como um projecto falhado; inadequadas políticas educacionais desenhadas para o processo e aprendizagem; a opção pelo ramo da educação como oportunidade de emprego e não ofício de vocação para ensinar os outros; o



número de disciplinas leccionadas nas classes iniciais sem observância das capacidades cognitivas das crianças para o seu desempenho; o modelo de formação do professor de um ano, influencia bastante para o seu profissionalismo; as mudanças e iniciativas causadas pelos modos contemporâneos, as inovações em educação, em ciências e tecnologia são outros problemas que enfermam a educação moçambicana.

Diante dos problemas que afectam a educação em Moçambique Castiano e outros compreendem que a educação enfrentou uma crise geral que,

entre os anos 1987-1992, houve no sector da educação uma crise geral do sistema, que durante o qual notou-se incapacidade do Estado em assegurar o acesso de todas as crianças à educação básica e um mínimo de qualidade às crianças estivessem já na escola. O período foi também caracterizado por um crescimento do número de crianças sem possibilidade de ir à escola e também pelo aumento de desistências e reprovações tornando-se assim, uma péssima qualidade de educação no país (CASTIANO, NGOENHA & BERTHOUD, 2005:86).

No mesmo diapasão, depois dos Acordos Gerais de Paz, viu-se outros objectivos e desafios em relação aos vários programas em outros sectores sociais. O principal foi o alargamento do acesso da população ao sistema de ensino básico formal, mas com equilíbrio com os outros níveis de ensino. Para atingir tal objectivo, o Governo moçambicano expandiu as oportunidades em especial para a população das zonas rurais e à rapariga. Este trabalho teve a participação do sector privado. Destacando-se também a necessidade de reactivação do ensino técnico profissional de forma a adequa-lo nas necessidades e transformações que o mercado sofre, partindo por um investimento mais forte na formação e competência dos professores, dando mais matérias didácticas, aumento de tempo de permanência dos alunos na escola (cf. CASTIANO et al. 2005).

Todavia, desde a educação da infância, aos adolescentes e jovens, os problemas são de barbas brancas ligados aos conteúdos e valores a transmitirmos, razão pela qual, a instabilidade dos currículos. Pode se acreditar que mudar currículos é fundamental de modo a melhorar a prestação do que se pretende dar a sociedade de amanhã, mas em fim, as nossas mudanças tem sido mudanças para mercadologia tendo em conta o neoliberalismo. O que significa que os currículos



são estreitados para formação tecnicista para responder o mercado de trabalho que a formação crítica.

Recuando um pouco e na visão de Golias (1993) as reformas curriculares introduzidas sucessivamente em 1975, 1977 e 1983 pouco impacto produziram na elevação qualitativa do ensino primário porque os índices de aproveitamento continuaram a decrescer (cf. Doc. Relatório do MINED ao Conselho de Ministros, 1988 *apud* GOLIAS, 1993: 66), dando mais detalhes Golias confirma “num estudo realizado pelo MINED verificou-se que numa coorte de 1000 crianças que no ano de 1983 ingressaram a 1ª classe apenas 102 é que transitaram para a 5ª classe, em 1987, isto é, simplesmente 10% dos ingressos” (cf. MINED, 1988 *apud* GOLIAS, 1993: 66).

Um outro dado importante que obviamente encontramos foram “as taxas de admissão terem subido consideravelmente nos dois períodos (200% em 1979) uma grande maioria de crianças em idades escolar, continuou fora da escola sobretudo por carência de lugares. Tanto em 1981 como em 1984, por exemplo, nem sequer metade das crianças escolarizáveis puderam frequentar à escola” (GOLIAS, 1993:67).

No período que vai de 1985-1992 foi caracterizado por uma profunda erosão tanto das condições materiais e físicas dos equipamentos e estabelecimentos educativos como a própria qualidade de ensino. Contudo, foi desta maneira que a educação moçambicana precipitou para o neoliberalismo como alternativa, sem se dar pelas consequências advindas com o neoliberalismo. Com esta modernidade assiste-se a mercadologia e formação tecnicista para o mercado de trabalho e longe do alcance de qualidade, mas versando na competitividade da formação por todas as instituições e subsistemas de ensino bem como as instituições privadas de ensino. Será que nas formações para as competitividades obedeceram a formação crítica? Como os nossos alunos são formados para lograrem a competição? Com turmas numerosas, que exigências as escolas têm na formação para o neoliberalismo?



4 O CONTRIBUTO AXIOLÓGICO DA EDUCAÇÃO EM MOÇAMBIQUE

Uma educação é educação por seus valores e em Moçambique, encontramos estes valores pese embora o regime colonial tivesse desqualificado, mas com a independência estes, são recuperados como podemos compreender adiante.

4.1 Período Pós – Independência

Com a Independência de Moçambique de 1975, o governo nacionalizou o ensino num período em que não tinha meios para garantir a escolarização adequada. Na verdade, o governo não tinha quadros (professores) formados e escolas para responder as necessidades educativas do tempo. O ensino que foi ministrado neste período era fraco em relação ao outrora sistema colonial e dos privados de educação. Mas, com o ganho da independência, a preocupação do então governo era de criar uma nação moçambicana e a educação tinha a finalidade do tal nacionalismo moçambicano.

Os desafios que esta moçambicanidade tinha não eram de conteúdos educativos, mas simplesmente de estender a rede escolar e veicular a mensagem de pertença a uma nação moçambicana. No entanto, a educação deveria preocupar-se na “preparação dos moçambicanos para tarefas inerentes aos problemas reais e concretos com que o homem de Moçambique seria confrontado” (NGOENHA, 2000:78).

Lembremos que a pertença a nação é feita a partir dos valores e se verificarmos a nossa identidade foi histórica e política e com a educação a jogar um papel enorme como Ngoenha refere:

Sobre os ombros da educação estava a árdua tarefa de cimentar os pressupostos axiológicos de pertença à nação, de combate ao tribalismo, de enraizar cada homem e mulher na terra moçambicana; dar os instrumentos que permitiram responder ao que a liberdade implicava em termos de responsabilidade; preparar médicos, engenheiros, técnicos, comerciantes, construtores, professores, etc (Idem, pp. 78-79).

E como poderia educar homens sem professores com formação e sem recursos financeiros? Entende-se que educar a moçambicanidade era tarefa política e logo a educação aliava-se ao elemento ideológico. Com isto, ficava franco que a educação respondia aos imperativos políticos



do que as exigências sociais. Visivelmente com esta posição só colhemos deméritos de tipo a educação colonial. Mesmo na estruturação seguimos o esquema colonial: escola primária, preparatória, liceu, comercial ou industrial e universidade.

Portanto, o país deveria orientar-se aos exemplos das escolas missionárias que tinham o ensino técnico e artes ofícios como necessidade prática e social, bem como trazer o acasalamento entre o saber tradicional e as práticas modernas com vista ao melhoramento do processo educativo que herdamos com muitos problemas. “O que a nível de educação foi mais grave era que os valores que tal educação deve veicular não são pensados nem em Moçambique, nem em função dos valores da moçambicanidade” (NGOENHA, 2000:81).

4.2 Período Liberal

Neste período já que nos referimos do contributo axiológico da educação em Moçambique importa clarificar que antes de tudo a educação é a via predilecta e legítima de transmissão de todo um mosaico cultural de qualquer povo, mesmo na condição de dominado como não, ela proporciona uma intencionalidade e é comum a todos membros da comunidade.

Na componente axiologia, Ngoenha (2000) constata a questão de abandono aos valores tradicionais aquando a chegada dos europeus em África e em particular Moçambique, bem como após a independência Nacional a modernidade socialista pouco senão deu valor as tradições, os ritos de iniciação, as línguas nacionais, as danças e cantos considerando como obscurantistas e supersticiosas. Diante deste abandono aos valores tradicionais como traze-los de volta?

Ora, com “o fim da primeira República abriu caminho a duas tendências, ambas associadas ao que comumente se chama de liberalismo. Uma política, democracia multipartidária; uma outra tendência, económica, a livre concorrência no mercado” (NGOENHA, 2013:163).

Só a partir do ano que o Banco Mundial entra em Moçambique e conseqüentemente influencia as políticas educativas. Estando perante uma fase em que a educação centra-se nos



valores “da democracia e do liberalismo, que supõe participação, mas também iniciativa” (NGOENHA, 2000, p.82).

Aqui a nova estrutura não se limitou em reestruturar o que foi destruído pela guerra, mas projecta uma educação mais prática, mais realista e, sobretudo uma educação que propõe utilizar a base linguística das populações moçambicanas. Seguindo-se um pouco do positivo das missões outrora deixaram como legado social.

5 EDUCAÇÃO COMO CONDIÇÃO LIBERTÁRIA E DO DESENVOLVIMENTO DAS SOCIEDADES

Com este subtema, pretendemos trazer os substratos que levam ao desenvolvimento das sociedades, tendo em conta os discursos actualizados da educação como fundamento intrínseco da liberdade humana.

5.1 O Discurso Educacional

O discurso sobre a educação hoje, está muito mais ligado à política e a planos do governo no poder. Todos governantes (políticos) falam ou estão concentrados no discurso da ‘melhoria da qualidade de ensino’ e no ‘alargamento da rede escolar’. Mas esta melhoria qualidade segundo Ngoenha (2000) só limita-se ao ponto de vista pedagógico e quanto ao alargamento da rede escolar sujeita a um discurso eleitoralista. Que ainda nas suas palavras, isto serve como evidências de modo a mostrar as conquistas ou esforços do governo para a melhoria das condições de vida das populações. Ainda em Moçambique, diz o nosso autor que as reflexões da educação confinam-se a círculos ligados a governo e a doadores internacionais (cfr. NGOENHA, 2000).

Entretanto, falta o alargamento desta abordagem para o âmbito teórico que não tem compromissos eleitorais nem ideológicos e nem históricos. A educação no nosso país, pretende um reparo na sua globalidade e no quadro das suas condições concretas em relação ao vivido.

Na verdade, a educação deve assentar-se em três pilares fundamentais a saber: cultural, económico e político. No primeiro percebemos como a base sobre os valores instituídos de uma



sociedade, na qual em Moçambique as normas são híbridas com apoio a tradição africana e da modernidade ocidental; o segundo também é essencial, quando falamos de quantidade e qualidade das estruturas educativas que dependem bastante do capital financeiro que o Estado e as populações são capazes de investir; o terceiro e último pilar subordina-se a políticas educativas onde esta a questão de organização institucional do âmbito educativo. Todavia, vivemos hoje as emergências do sector privado e de actores locais que também estão preocupados com a educação e aos novos imperativos políticos, económicos e sociais.

Face aos desafios modernos, podemos dizer que foi na educação, o primeiro sector a perder a sua autonomia em termos de elaboração de políticas. Ora, é na educação onde encontramos necessariamente o valor social e independentemente das condições em que vivemos.

O que queremos dizer, é adequar a educação as nossas condições específicas. Para Ngoenha “as políticas de educação têm, necessariamente, que ser precedidas pelos valores que uma dada sociedade pretende transmitir aos seus cidadãos” e se seguirmos aos projectos da educação o nosso autor continua dizendo que são “projectos sujeitos às vicissitudes e mudanças políticas de organizações doadoras” bem como as “ajudas externas, no fundo não tem nenhuma sustentabilidade; é necessário apostar-se num incremento económico nacional, susceptível, num futuro próximo, de sustentar a educação e aos outros sectores sociais” (Idem, p.204 e 206).

5.2 O Discurso Axiológico

O discurso axiológico é fundamental na medida em que versamos no aspecto da condição libertária do Homem na modernidade, visto que é sua condição primária, para além das demais condições, como por exemplo a educação. Hoje a sociedade moçambicana é híbrida, isto é, reveste-se de valores tradicionais africanos e da modernidade ocidental. Mas atenção, face aos valores da modernidade ocidental, precisamos agir com consciência boa, isso importa sabermos seleccionar o que é bom da modernidade por forma a solidificarmos o que é da moçambicanidade.

Na reflexão aos valores, precisamos bastante da língua como factor da libertação deste homem. É da língua que observamos o mundo e Ngoenha aponta o seguinte:



Se a língua é a janela através da qual se olha para o mundo, as crianças falantes de duas línguas, teriam culturalmente, para além das vantagens de aprendizagem, uma abertura para o mundo; ao mesmo tempo, um maior respeito, amor e acatamento pelos próprios valores e pelos valores dos próprios pais (NGOENHA, 2000:211-212).

Portanto, a este campo de discurso, importa compreender que Moçambique é vasto e rico culturalmente, mas que precisamos de transmitir este vasto mosaico cultural: nas artes, nas músicas, na gastronomia, na veste, nos ritos de possessão, na escultura, na timbila, nos ensinamentos da ecologia dos lugares, da terra, das plantas, dos animais, da ética dos grupos um amor à pertença como membros integrados da sociedade moçambicana. Não menos importante, devemos recorrer a Intercultura como diálogo entre culturas e maneiras de pensar e viver juntos; recorrer aos valores como o diálogo, a tolerância, a liberdade, a comunhão e da reconciliação.

Portanto, no campo educativo é imprescindível o reconhecimento do outro como um valor e para tal, Castiano compreende que o “processo da Intersubjectivação passa necessariamente pela criação de valores e atitudes que levem ao reconhecimento do outro como um interlocutor válido, como um sujeito com dignidade e conhecimento” (CASTIANO, 2010:190). Entretanto, “há intersubjectivação quando o *Eu* reconhece o *Outro* e está predisposto a escutar, a argumentar com este outro” (idem, p. 190). Não obstante, Ngoenha sustenta o postulado de John Mbiti que “eu sou porque tu és” que quer dizer, “uma pessoa ganha sua essência e substância através dos olhos dos outros”. Ora, a “minha ideidade subsiste intrinsecamente ligada a identidade ontológica do outro. Eu só posso ser porque tu és” (NGOENHA, 2013:135). Nestes moldes de pensar poderemos ter diálogos e discurso com fundamentos sólidos e necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta abordagem, concluímos dizendo que a Educação no Neoliberalismo pode constituir um problema, quando não logra o seu sentido e valores que a sociedade pretende e pode ser solução de desenvolvimento das Sociedades, quando há harmonia epistemológica e a ética e política têm espaço bem como os valores de diálogo, tolerância, liberdade e comunhão.



Todavia, várias são constatações problemáticas da educação em Moçambique, mas aqui focamos as que têm o fundo grave como: as perturbações políticas internas que provocam deslocamentos de populações para os lugares seguros transtornando processo educativo; problemas de ordem sociocultural não foram acautelados; inadequadas políticas educacionais desenhadas para o processo e aprendizagem; a opção pelo ramo da educação como oportunidade de emprego e não ofício de vocação para ensinar os outros; o número de disciplinas leccionadas nas classes iniciais sem observância das capacidades cognitivas das crianças para o seu desempenho; o modelo de formação do professor de um ano, influencia bastante para o seu profissionalismo; as mudanças e iniciativas causadas pelos modos contemporâneos, as inovações em educação, em ciências e tecnologia são outros problemas que enfermam a educação moçambicana.

A educação moçambicana terá sentido se pautar por uma ética e política bem definida e orientada para a felicidade da maioria dos moçambicanos, onde a educação deve estar presente na condução do processo de formação e socialização dos indivíduos sem exclusão. A escola não deve seguir de modelos de valores sem abrir os olhos para a especificidade de cada cultura moçambicana. A educação deve compreender que cada cultura no país é um património com variadíssimas riquezas de valores humanos e que de tal modo contribui para o reconhecimento e o respeito da dignidade humana como valor. Portanto, um dado não menos importante para esta pesquisa é concordarmos com os moçambicanos como Ngoenha por um lado, que nos remete ao recurso da Intercultura como diálogo entre culturas e maneiras de pensar e de viver juntos; recorrer aos valores como o diálogo, a tolerância, a liberdade, a comunhão e da reconciliação. Por outro lado, com Castiano que defende a Intersubjectivação como outro recurso de criação de valores e atitudes que leva ao reconhecimento do outro como um interlocutor válido, como um sujeito com dignidade e conhecimento.



REFERÊNCIAS

CASTIANO, José P. *Referencias da Filosofia Africana: Em busca da Intersubjectivação*. Ndjira, Maputo, 2010.

CASTIANO, José P., NGOENHA, Severino E. & BERTHOUD Gerald. *A Longa Marcha duma Educação para Todos em Moçambique*. Imprensa Universitária, Maputo, 2005.

GOLIAS, Manuel. *Sistemas de Ensino em Moçambique: Passado e Presente*. Editora Escolar, Maputo, 1993.

GÓMEZ, Miguel Buendía. *Educação Moçambicana História de um Processo:1962-1984*. Imprensa Universitária –UEM, Maputo, 1999.

GONÇALVES, António Cipriano P. *Educação, Modernidade e Crise Ética em Moçambique*. Dondza editora, Maputo, 2011.

NGOENHA, Severino Elias. *Estatuto e Axiologia da Educação: O Paradigmático Questionamento da Missão Suíça*. Imprensa Universitária, Maputo, 2000.

_____. *Intercultura, Alternativa à Governação Biopolítica?* ISOED, Maputo 2013.

_____. *Tempos da Filosofia: Filosofia e Democracia Moçambicana*. 2^a ed., Imprensa Universitária, Maputo, 2016.

SEVERINO, António Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. In *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.3 p. 619-634, set./dez. 2006.

_____.
Recebido: 16/05/2022

Aprovado: 14/06/2022